



Centro Acadêmico
Iara Lavelberg

BOCCA

Boletim do Centro Acadêmico

Número 03

24 de março de 2004

Carta de abertura dos estudantes no debate das diretoráveis

Centro Acadêmico

Sejam bem-vindos a apresentação das candidaturas para o cargo de diretora do Instituto de Psicologia. Agradecemos a presença de professores e estudantes. Sabemos que apesar de ser uma eleição restrita a alguns representantes, é feita uma consulta a comunidade organizada pelo atual diretor para que esses representantes possam votar sabendo a opinião daqueles que ele representa, então a participação de todos é possível de alguma forma. Estamos felizes pela presença confirmada das três professoras titulares, professora doutora Maria Helena Souza PATTO, professora doutora EDWIGES Silvares e professora doutora ZÉLIA Ramozzi-Chiarotino nessa ocasião em que poderão ser discutidos os problemas que enfrenta esse Instituto, nossa universidade e, por que não, a educação superior no Brasil.

É de fundamental importância esse espaço garantido pelo Diretor César Ades por possibilitar que aja troca de idéias, de perspectivas, de projetos e por tornar transparente a discussão em torno da sucessão do cargo. Em um processo tão excludente e autoritário como a eleição de diretor, agradecemos por poder nos pronunciar. Antes de passar a palavra para as candidatas vamos refletir um pouco como essa candidatura ocorre.

Todos os professores titulares

são elegíveis a não ser que apresentem uma justificativa para que não concorram. Caso sejam menos de três candidatos, abre-se a eleição para os professores associados. Feita a eleição, envia-se uma lista com os três mais votados para o reitor para que ele escolha o diretor. Assim também é eleito o reitor sendo que a lista é mandada ao governador. Isso é um resquício da ditadura para impedir que a vontade popular, ou nesse caso dos professores, fosse concretizada. A restrição de que só titulares sejam candidatos tem por finalidade impedir a participação de outras categorias que estariam menos preparadas e conheceriam menos o funcionamento do Instituto para ser Diretor. Não parece algo exatamente democrático.

Algumas distorções ou perversões que podemos observar são: Titulares concorrendo para impedir que a eleição fosse aberta a mais professores, considerando essa ocorrência uma vergonha, pois o Instituto não contaria nem mesmo com três titulares dispostos a exercer a diretoria. Titulares concorrendo por terem perdido o prazo para a retirada da candidatura. Nenhum dos

candidatos ao se apresentar teria uma proposta ou projeto para o Instituto. O Reitor interferindo na escolha feita aqui na faculdade e escolhendo alguém que não fosse o mais votado.

Difícilmente se vê aqui na Psicologia uma briga intensa com várias pessoas interessadas (ainda mais porque os titulares são menos de dez). O que há de errado em ser diretor do Instituto? Por que todos evitam a não ser que seja a última alternativa? Gostaria que os professores pudessem falar abertamente sobre esses assuntos, pois não encarar o problema só garante que ele sempre existirá. Essa postura do não enfrentamento é muito vista em muitos lugares de tomada de decisão na Psicologia. Será o nosso passado de tranquilizadores de pessoas insatisfeitas e total omissão quanto a mudanças e propostas? Por que ver tudo pelo lado da harmonia? Por que evitar confrontos e angústias? Será que continuamos assim e assim queremos continuar? É tudo tão bom que não precisa ser nem discutido quanto menos mudado?

Professora Patto eleita diretora do IP

O Reitor da USP, Prof^o José Adolpho Melfi, escolheu a Prof^a Maria Helena de Souza Patto para o cargo máximo do IPUSP, no período 2004-2008, a partir da lista triplíce

de nomes, que lhe foi entregue pelo atual Diretor, Prof^o César Ades. Também concorriam ao cargo a Prof^a Edwiges e a Prof^a Zélia. A decisão vigora a partir do dia 29/03/2004.

Ser Político

Rubens (01)



As eleições para a diretoria do Instituto nos levam a pensar em algumas questões que nos afligem quando são colocadas e que afligem alguns há bastante tempo (aqueles que já conhecem isso tudo). Na eleição tem direito a voto em torno de quarenta professores e somente alguns estudantes e um funcionário se não me engano. Alguns estudantes defendem que o voto seja para todos. Assim, teríamos mais de 700 votos (graduação e pós) e os professores por volta de 100. Os professores dizem que como os estudantes são passageiros eles não podem definir muitas coisas para uma instituição que teriam efeitos posteriores a sua saída, não respondem pela instituição e não dependem das verbas disponibilizadas posteriormente de acordo com os critérios de produtividade. Será que isso é só uma defesa escusa de seus interesses? Outras questões se colocam como a escolha por indicação que não precisa respeitar a colocação do candidato numa lista de três mais votados. Ou seja, o cargo é de confiança. Isso o coloca como eminentemente político e destaca sua importância no que diz respeito a decisões e posicionamento da instituição ou evidencia a falta de democracia, mesmo se só for considerada de forma consistente a classe dos professores? Ou os dois?

Aconteceu uma discussão exaltada e interessante na reunião de RDs, antes da realização da consulta. Discutia-se se os representantes dos estudantes deveriam votar com a maioria ou dividir seu voto proporcionalmente ao resultado da consulta. A defesa da última era de que só dessa maneira os estudantes, mesmo em suas minorias, seriam respeitados e representados. A da primeira eram várias: Os professores votantes não respeitam a consulta aos professores; se a eleição residencial ou do C.A. escolhe um candidato ou chapa que eu não esteja e acordo eles serão meu presidente e meu Centro Acadêmico de qualquer forma; não temos a quantidade de

força que gostaríamos e dividir é se enfraquecer, temos que lutar com a arma que temos e não quebrá-la; não podemos operar uma lógica (de seguir a risca a indicação) numa outra (de interesses escusos); não podemos permitir que a candidata da maioria perca devido a uma tentativa de sermos representativos; não podemos deixar que meia dúzia consiga o voto de um representante pelos estudantes serem sem noção ou pela candidata escolhida ser a única conhecida da Graduação; se tivéssemos a representação justa, aí seria justo que o voto fosse representativo. Temos que lutar com o possível para tentar o impossível (mas se o que queremos é o poder termos, se o que queremos é a maior participação, já eliminamos ela de antemão), a candidata mais aberta a discussão fará o papel de maior democratização, não podemos perder essa oportunidade.

Vou tentar fazer minhas críticas a todas essas justificativas. O fato dos professores não respeitarem as consultas só deve nos motivar a convencê-los e não a agir como eles. A questão da escolha é um erro lógico. No final é óbvio que somente uma pessoa será diretora. Porém somos representantes de todos os estudantes, se por acaso o resultado da votação fosse 40% para candidata A, 30% para a B e 30% para C. Os representantes nem estariam representando a maioria, 60% estaria excluída nesse caso. Ou poderíamos dividir os votos em 40, 30 e 30 por cento dos nossos votos do total. É uma opção se guiar pela maioria ou se guiar de acordo com o resultado, se fossemos nos dividir certamente nos enfraqueceríamos mas não seria isso a representatividade verdadeira? Abrir mão do que consideramos mais estratégico para dar voz a todos e não só à maioria. Quando existe uma insatisfação numa aula por exemplo, deveríamos fazer uma votação se deveríamos reclamar ou não? E se a maioria desmobilizada ganhasse, sinto muito é o mundo atual da

despolitização? Nesse caso dividir as forças talvez fosse uma maneira de reconhecer as opiniões que não são da maioria e desse modo incentivar uma maior participação de todos e não só dos que são alinhados ideologicamente com quem faz política entre os estudantes. Quanto a operar outra lógica, não é isso que estamos buscando? Eles (os professores) não vão nos escutar, não estão nem aí para o que fazemos. Isso é justificativa para tentarmos todos os meios para alcançarmos nossos fins, para nem tentarmos outras formas? Não abrimos mão do que queremos para sermos representativos. Então não somos representantes, somos eleitos para falarmos o que pensamos e nem precisamos nos preocupar em ampliar as discussões. Quanto a meia dúzia, ninguém iria propor que qualquer percentual de votos virasse um voto dos representantes. Precisaria um cálculo para ver quantos votos equivaleriam a um voto dos representantes e quanto aos estudantes serem sem noção, sem noção com relação a que? Precisamos ter uma representação justa para agir de forma representativa? Vamos esperar pelo que mais para agirmos de outra forma?

É claro que é uma opção de estratégia, mas vamos esperar que haja abertura para democracia para sermos democráticos? Daí já vamos ter perdido todos que em algum momento gostariam de se expressar, mas nem abriram a boca por que eram minoria. Devemos, na minha opinião correr o risco de perder para tentar que todos participem. Lançaram mão do argumento de que sempre foi feito por maioria. Mas a tradição, sem sentido, não me convence. No final, as pessoas que tem mais experiência e maior desenvoltura na política estudantil estavam comentando que era ingenuidade essa posição. Prefiro continuar ingênuo a ter que abrir mão das coisas em que acredito.

DIPLOPIAS: 2

Fernanda Guimarães (ESPM)/ Patrícia Rabaça(03)

OBJETOS DE AMAR

Sem objeções, me faça teu objeto, teu objeto de estudo. Me faça aqui sua amiga e confidente, me faça tua pra que possa me ajudar.

Não tenho porque esconder ou amargar, sei que contigo posso dividir. Tenho muito medo de até onde isso possa se estender, se o problema é apenas meu, ou mesmo se é um problema.

Talvez nem seja, e por isso me sinta assim tão livre a te escrever. Talvez, por esse objeto de dividir, um jornal, possa fazer de minha angústia a de outras também. Não, não, longe disso. Não quero fazê-las objeto de sofrer, mas sim, de entender.

Parece que um dia tomamos conta de que precisamos de um alguém ao nosso lado. Um objeto de querer. Um desejo em forma de objeto.

Não sei porque a vontade de fazer dos outros, alguma coisa da gente. Já nascemos filhos de dois, netos de quatro e sobrinhos de uns dez. Viramos de cara, alunos de pelo menos vinte, amigos de mais quem se oferecer, e ainda inimigos de quem achar melhor. Estamos completamente disponíveis para que façam o que quiserem da gente, somos mais que vulneráveis, somos propriedade alheia.

Mas ainda existe este dia, tão especial, em que decidimos ser alma gêmea de um sujeito. Um sujeito qualquer, que nunca vimos antes.

Ele pode ser o mais esquisito do seu ano, o mais bêbado daquela festa, o primo mais mimado da sua amiga, mas batemos o olho e temos toda a certeza, fomos feitos um para o outro.

Deste um, que conhecemos a uma fração de segundos, automaticamente viramos

ficante, pretendente, caso, rolo ou apenas deles. (Essa é minha!) Nos entregamos assim, sem a menor investigação necessária, vá, me leve.

Até que em algum momento, vem uma insegurança e uma necessidade de firmar um contrato de dependência mútua e infinita. Você é a namorada dele, só dele. É acordar num dia e saber-se dele e de mais ninguém.

Ah, tem mais uma turma, sim. Dele, da família dele, dos programas dele, dos amigos dele, dos hobbies dele, da cama dele, do cachorro dele (lambe, pode lamber, sou toda sua), do final de semana dele, do Natal dele, da colônia de férias dele, de tudo dele. E você fica parada, sem ter pra onde ir. Afinal, pra ir pra qualquer lugar, só no carro dele.

E você se torna um objeto de posse, de status, de masculinidade, de amadurecimento pra ele.

Você afirma e reafirma, sem piscar, que tudo aquilo é inato de um sentimento único que brota de um pelo outro. Que ele é sim o homem de sua vida, que nasceram um para o outro, mesmo você em Campinas e ele em Petrolina. A vida é a arte do encontro.

Durante todo o tempo que somos objetos, somos felizes. Nem sabemos o porque fazemos tantas coisas novas, chamamos de nova fase. Contamos pra nossas amigas como estamos felizes, quantas coisas você desconhecia antes dele. São incontáveis as coisas que você não sabia que gostava de fazer. Agora você sabe.

Mas não somos objetos tão preciosos assim. Existem outros. Existe o controle remoto dele, o violão dele (que pode vir ou não com songbooks), o

amendoim dele, a coletânea do Tim Maia dele, o sofá dele, o cigarro dele, o livro de contos dele, a aula de Finanças dele, o e-mail dele, o escritório dele, o som novo do carro dele, até o engate dele. Tudo isso, mais você.

E aonde entramos nós nesse acordo? Depois que a coisa esfria, somos este objeto de ficar paradas enquanto ele toca o violão, que vamos errar cantando o Tim Maia, que vamos lembrá-lo que cigarro faz mal, que vamos avisá-lo que tem prova de Finanças, que vamos pedir pra que abaixe o volume do som novo do carro, vamos comer um pouco do amendoim dele e pedir que troque um pouco da Fórmula 1. Enfim, infernizamos ele.

Acho que tá na hora deles trocarem de namorada. Aonde é que foram arrumar essa menina que já vem achando que manda, não deixa tempo pras minhas coisas, não sai do meu pé e ainda só reclama dos meus programas, tá sempre de cara feia? Sabe, tenho 24 anos, estou me prendendo muito cedo.

É isso que acontece. Viramos recicláveis.

Somos trocadas por uma bunda por alguns dias, depois por um papo legal, depois por um som e até um coma alcoólico. Eles precisam espairar, estão sufocados.

E seguimos então com nossas vidas, mesmo que de nossas, nem lembremos que parte. Mas somos fortes e seguimos adiante. Acariciamos uma dor que vem de dentro, tentamos lembrar que pode ser pra melhor, mesmo tendo engordado cinco quilos (é preciso pensar, comida não é amor, comida não é amor!).

Mas ainda acreditamos nesse pequenino, nesse comando de nossos corpos, nesse que pulsa e escolhe, esse que se entrega mas também chora, que se retira porque ama, esse que sim é nosso, nosso objeto de amar.

Relatório de Psicologia Experimental n. 22-05

Frederico Dentello (92)

(Parecer: reprovado. O treino de observação foi insatisfatório devido a artefato de técnica: os hormônios não foram padronizados. Recomenda-se dessensibilização à saudade.)

Saindo do trabalho tomo o caminho que passa brevemente pela Avenida Brigadeiro Luís Antônio, entrando na Rua Humaitá mais ou menos pelo meio. A partir daí, vou até o início sob um viaduto, onde se encontra o final da Rua da Abolição — muda o nome, mas a rua é uma só, as duas formam um dilema em falso. Daí, como é regra constante desse caminho, caminho na contramão dos números — desejo ir ao centro da Cidade. Chegando à Rua Santo Antônio, permaneço nela por pouco tempo. É uma região liminar — breve como o pôr-do-sol. É uma região de incerteza, tenho de estar atento ao rumo que quero seguir, o cruzamento mistura as direções numa confusão de loteria. Se conseguir chegar lá, ao Viaduto Nove de Julho, devo quebrar a regra pela

única vez — tenho de caminhar no sentido em que a numeração cresce. E depois, finalmente, ruas difíceis de atravessar até chegar à Avenida São Luís, onde se dá a sensação de estar chegando — é quando penso na finalidade prática de ter me lançado a esta caminhada. Então, é a Praça da República sempre cheia de gente ou de memórias. Só resta então tomar o ônibus lotado para a Universidade. A partir daí, a vida perde todo o sentido.

Um dia comum. As coisas costumam ir por aí, e as gentes vão feito coisas.

Mas certa vez passo distraído pelas vias a que fui me acostumando e num desvão me vem a névoa de perfumes aquecidos no teu corpo e tua visão de pé, Vênus, de todos os sóis levantados após cada noite de espera. Fico comovido, eis a mulher desejada, assistida por uma Rosa cuidadosa.

Todos os caminhos a partir de então se enchem de teu segredo, e todas as ruas ganham a arquitetura sutil de teu olhar.

Notícia da Biblioteca - Inventário 2004

O inventário é uma atividade de rotina em bibliotecas e tem como objetivo fazer a revisão completa do material que compõe o acervo.

A realização do inventário permite:

- Localizar o material guardado incorretamente;
- Verificar o material que precisa ser reparado ou encadernado;
- Identificar possíveis extravios de material;
- Organizar o acervo.

A Biblioteca realizou o inventário do acervo no período de 05 a 23.04.04 e identificou:

■ 28 livros extraviados (desde o último inventário, em 2000)

■ 4.587 livros e 223 teses rabiscados

■ 132 livros e 53 teses com necessidades urgente de reparos.

O acervo revisado, organizado e limpo foi entregue à comunidade com um pedido: **"Cuidem melhor de mim"**.



PMK EM COMPUTADOR

O Laboratório Interdepartamental de Técnicas de Exame Psicológico (LITEP) do IPUSP promoverá palestra sobre o **PROGRAMA PARA APLICAÇÃO DO PSICODIAGNÓSTICO MIOCINÉTICO - PMK EM COMPUTADOR** na próxima quinta-feira, dia 25, às 14h na Sala 20 do Bloco B do IPUSP.

A palestra será ministrada pelos Professores **Josep Maria Tous** e **Albert Viadé**, ambos da Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona; inclui demonstração do equipamento da aplicação computadorizada e se destina a estudantes de Psicologia (graduação e pós) e professores do IPUSP, bem como a psicólogos de outras instituições.

Cachorros no IPUSP



Gostaríamos de pedir aos alunos e frequentadores das dependências do instituto que **evitassem alimentar** os cachorros que o frequentam, a fim de evitar problemas envolvendo pessoas, especialmente as crianças que são atendidas no CAP (Centro de Atendimento Psicológico).

Se alguém se dispuser a adotar os cachorros ou providenciar alguma outra solução também será bem-vinda.

Agradecidos. C.C.CAP

ÀS MULHERES FILÓSOFAS

*"A minha é um amor quentinho
(sou brega mesmo),
um olhar nos olhos, ele abrindo
a porta, receber flores,
um cortejo gostoso..."*

Busilis (00)

Patrícia Rabaça

Com efeito, Patrícia, minha amiga, a natureza da mulher, nem mesmo o grande senhor Freud a descobriu. Além disso, não concordo com aquela história de 'inveja do pênis' e 'complexo de castração'.

Imagino que para as mulheres deve haver alguma dúvida, mais curiosidade, do tipo 'se eu tivesse "um desses", como seria???' , sei lá, estou especulando. Bem, isso é muito natural, a curiosidade.

Mas, veja, estou aproveitando esse ensejo que você, amiga de alma, me proporcionou, para falar um pouco sobre 'filosofia' e 'expressão feminina'. Isso porque prometi a mim mesmo nunca mais escrever um texto para o BOCA. Enfim...

Bom, depois de ler algumas coisas de filosofia, muito interessantes, fiquei me perguntando: "O que acontece com as mulheres? Será que elas não se interessam por filosofia?". Isso porque a maioria dos escritos que li eram provenientes de homens (Kant, Pascal, Agostinho, Piaget, Emerson, Platão etc). Aí fiquei muito curioso para saber como esses "conteúdos filosóficos" seriam expressos pela natureza feminina, que afinal de contas vive e sente o mundo de uma maneira diferente da 'natureza masculina'.

Devo confessar que a primeira 'filósofa' que li e que muito me emocionou e impressionou foi Clarice

Lispector. E, isso é um fato, serei eternamente agradecido à bondosa alma que me apresentou à ela. Mas, ao contrário dos intrincados sistemas filosóficos com os quais havia me deparado até então, em Clarice, além da especulação cósmica que muito me interessa, encontrei emoção, paixão, amor. Clarice é filosofia com amor. Ora, e não há amor em Kant? Ah, o velho e bom Kant...

Nisso, pensei na diferença entre os filmes pornográficos com história e sem história. Kant não tem história. Clarice tem. Kant não tem dó: é explícito e não espera por você, é até mesmo arrogante ("Com meus escritos, cheguei 150 anos antes", escreveu Kant), porém sábio e bondoso. Clarice....ah, a boa e doce Clarice.... diria que é como uma sedução amarga, um canto de sereia apaixonada que quer te levar para o mais profundo do Mar ("Alivia a minha alma, faze com que eu sinta que Tua mão está dada à minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade". Bonito isso, não?).

Porém, digamos, Clarice e Kant são avançados. Avançadíssimos, eu diria até. Mas claramente deixaram uma trilha luminosa neste caminho que constitui a Vida e a Morte, a Existência. São mestres, afinal.

Mas filosofia não tem de ser

complicada, isso aprendi conversando com vocês, mulheres. Daí suponho que, para a mulher, deve haver algo muito claro para ela que não o é para o homem. E isso é essencial, é isso que não entendo. Sei lá, estou falando sem pensar muito, mas acho que é importantíssimo que o ponto de vista feminino seja considerado na história da Filosofia e também da Psicologia. Isso por razões, riam se quiser, puramente cósmicas.

Por exemplo, essa é uma questão epistemológica até, imaginem vocês se, nos livros de História, toda vez que aparecesse o termo 'homem' se referindo à humanidade, isso fosse substituído pelo termo 'mulher'. Ou seja, estou me perguntando por que é tão natural que, por 'homem', entendamos 'a humanidade'.

Enfim, a folha está acabando e vou terminando por aqui também. Agradeço, de coração, corpo e alma às "Musas" que estão sempre a me guiar e inspirar. Ah, que falta não faz uma "ágora dos psicólogos" ...

"A alma que não evoluiu e nunca contemplou a verdade não pode tomar a forma humana" (Platão, *Fedro*)
(18/03/04)

(Obs.: ágora: Praça das antigas cidades gregas, na qual se fazia o mercado e onde se reuniam, muitas vezes, as assembléias do povo)

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DOS PSICÓLOGOS

Diversas entidades promoverão em 29 e 30.03 próximos o I ENCONTRO DE AVALIAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS PSICÓLOGOS, destinado a professores de disciplinas associadas à avaliação psicológica e a psicólogos. Será no Grand Hotel Ca'd'Oro [Rua Augusta, 129 - Centro - SP(SP)], com 300 lugares e a inscrição é gratuita no infoeventos@crpsp.org.br e tel. 3061-9494, ramal 151.

Esse encontro objetiva: 1. Contribuir para o debate da formação e sua qualificação especificamente na área de avaliação psicológica; 2. Propiciar troca de experiências entre os professores da área; 3. Permitir o debate das questões atuais na área.

Além da exposição de painéis, serão constituídos seis grupos de trabalho para caracterizar os

problemas e dificuldades do ensino na Psicologia e construir propostas para seu avanço, e oito mesas-redondas com debatedores como: **Odair Furtado, Ana Mercês B. Bock, Luiz Pasquali, Cláudio S. Hutz, Elizabeth Brandão, Iraí Cristina B. Alves, Rosa Maria L. Affonso, Circe Peterson, Dayse C. Bernardi, Ana Paula P. Noronha, Leila Salomão de L.P.C. Tardivo, Solange M. Wechsler, Ricardo Primi, Latife Yazigui, Sônia Loureiro, Anna Elisa de V. Amaral, Cândida P. de Camargo, Jairo E. Borges-Andrade, José Carlos Tourinho, Patrícia L. Bellodi, Maria das Graças M. Gonçalves, Cílio Ziviane, Carlos Henrique S.S. Nunes, Maria José Lamounier, Bartolomeu Tróccoli, Maria Cristina B.M. Pellini, Elisa Z. Rosa e Regina Sonia G.F. Nascimento.**

BOCA

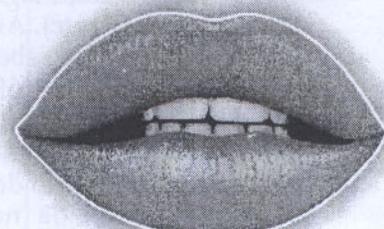
COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Fernanda Silva Gonçalves (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Paulo Szysko Pita (03), Patrícia Ferreira Rabaça (03), Roberto Lustosa de Andrade (02) e Tânia Lisboa Machado (03)

Diagramação: Paulo Szysko Pita (03)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, observando-se a ordem de seu recebimento, o formato MS-Word.doc e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

.....
• A C. O. do BOCA •
• reúne-se toda terça- •
• feira às 13h à sombra •
• do Ipê em frente da •
• Biblioteca do IP. •
• PARTICIPE!!! •
.....



DISSERTAÇÕES E TESES

José Israel (01)

CANDIDATO(A): ALESSANDRO DE OLIVEIRA SANTOS

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
Título da Tese: "TURISMO E SAÚDE COMUNITÁRIA: INTERVENÇÃO E PESQUISA NO VALE DO RIBEIRA, SÃO PAULO, BRASIL"

COMISSÃO JULGADORA: Membros Efetivos: Profª Dra. RONILDA RIBEIRO - Orientadora - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP; Profª Dra. VERA SILVIA FACCIOLLA PAIVA - Psicologia Social - IPUSP; Profª Dra. MARIA LUISA SANDOVAL SCHMIDT - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP; Prof. Associado ANTONIO CARLOS SANT ANA DIEGUES - ESALQ - USP; Prof. Dr. IVAN FRANÇA JUNIOR - Departamento de Saúde Materno Infantil - FSP - USP

COMUNICADO:

Data da Defesa Pública: 30 de março de 2004 às 14:00h. Local: Sala 14 do IPUSP.

Um deleite no Azul

O mundo quer, então, ser visto de azul?

Infinito das águas, do céu bruto?
Mas quem há de ter este olhar
sem abrir a porta de dentro,
pra dentro da alma, do sonho,
sem escutar a música derradeira
de um pássaro que se extinguiu?

O mundo quer ser olhado nos olhos,
ser fígado na carne de seu corpo!

Há sal, leite e sombras
revestidos do oco do céu,
do lindo do azul em chamas...

O seio da terra pulsa firme,
guarda o som dos pássaros
dos sonhos, dos encantos.
Mas pra ver o infinito,
o azul, o fruto,
é preciso o abraço dos corpos,
do calor que chama
a rasgar a terra.

... E há tantas portas de dentro,
tantos cantos guardados,
tanto leite fértil
a irrigar o solo,
os sons do mistério...

O enlace dos corpos
é o porto da alma.
E a mão que tece os sentidos
engrandece o infinito.

Infinito-encontro-anil
que revive pássaros,
que brota o vôo no olhar
e a música lá do longe esquecido.

O mundo quer ser visto de azul,
de corpo e olhar
e laço do amor-encontro
que nutre o céu
e revela o seio do encanto.

Um homem, uma mulher
em abraço
gera o vôo que canta,
renova os mistérios do mundo.

Luis Henrique Daló (99)

Poema diante de tua imagem *

Eu não sei que mistério de noites e montanhas
há em teus olhos negros de espessas pestanas.

Eu não sei que azeviche revelou-se trepadeira
ao envolver tua cabeça e ser tua negra cabeleira.

Eu não sei que alvorada escapou do oriente
e, prolongando o dia, colocou-se em tua frente.

Eu não sei que prodígio de magos e de sábios
fez um rubi adocicado dar forma aos teus lábios.

Eu não sei de que rosa de luz saiu uma espada
a ter o fio de açúcar e tua imagem espelhada.

Mas sei que meus olhos, ao mirar-te uma só vez,
Foram a outro mundo... plenos de embriaguês.

* Tradução livre, feita por José Israel, em 12.03.04, de "Poema ante tu imagen", in "Eros en tres tiempos", de Jesús Orta Ruiz, cubano, Prêmio Nacional de Literatura de 1995

Tenho bebido mais,
fumado mais
e dormido menos.

Tenho lido mais,
escrito mais
e entendido menos.

Tenho caminhado mais,
observado mais
e comido menos.

Tenho cantado mais,
ouvido mais
e falado menos.

Não sei mais se pertencço
ao mundo dos homens
ou ao mundo de Deus.

Mas de uma coisa,
certeza eu tenho...
apaixonei-me outra vez.

Leo (03)



Meu desejo

Desejo um amor verdadeiro,
Que me faça sorrir,
Que me faça sentir,
Prazer de corpo inteiro.

Desejo um amor fiel,
Que me faça completamente feliz,
Que seja do jeito que sempre quis,
Como a doçura do mel.

Desejo um amor infinito,
Que me faça desejar,
Que me faça sonhar,
Com um cenário bonito.

Desejo um amor intenso
Que me faça viver,
Que me transforme num ser
Notável e imenso.

Desejo um amor,
Que me livre da solidão,
Que me distancie da dor,
E evidencie a força de um coração
Que apenas deseja amar uma
única mulher
Oferecendo a ela tudo que ela
quiser.

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

FESTA DOS BIXOS PSICO USP

DJ GABRIEL MAUFEL

26/03 - Sexta-feira
OPEN BAR A NOITE INTEIRA!

BANDA:
DOO DOO JULY AND
BORDERLINERS

CERVEJA
H2O
REFRI
VODKA

DiQuinta

ENDEREÇO:
R. BRAUMANN 1435,
VILA LEOPOLDINA
SÃO PAULO (ATRÁS DA COBAR)

INGRESSOS ANTECIPADOS:
\$25 MASG/\$20 FEM.

INFORMAÇÕES:
3091-4367/5082-3869
REALIZAÇÃO:

ORGANIZAÇÃO:
ATLÉTICA BUSÍLIS

e2

ESTRATÉGIA EM EVENTOS
www.e2eventos.com